



# O Comunista

SEMANARIO—Órgão do Partido Comunista Português

Propriedade do Grupo Editor O COMUNISTA

EDITOR—José Rodrigues

Redacção e Administração

R. do Arco da Marquês da Alegria, 30, 2.º D.—LISBOA

REDACÇÃO PRINCIPAL

MANUEL RIBEIRO

Secretaria de Redacção—Castano de Sousa

ADMINISTRADOR—Nascimento Cunha

Composto e Impresso

Emp.ª Portuguesa de Publicidade—T. da Boa Hora, 43—LISBOA

## Contra a reacção

Os corpos directivos do Partido Comunista Português, tendo tomado conhecimento, na sua reunião ordinária quarta-feira, de que um movimento conservador se prepara com o concurso da Confederação Patronal e de todas as outras forças capitalistas e reacconárias, para, assumindo por um acto violento as rédeas do poder, esmagar todas as conquistas do proletariado, e inaugurar uma era de terror branco,—denunciam a todos os elementos avançados do novo gesto da reacção, e, apelando para todos os revolucionários, sem distinção de escolas filosóficas, inclta-os a constituírem uma frente única para garantirem as liberdades políticas e económicas—estando por sua vez este Partido firme desígnio de isoladamente, ou em leal acôrdo com outras forças socialmente organizadas, de opor-se pelos meios que forem necessários à perpetuação do negro crime que a reacção projecta.

OS CORPOS DIRECTIVOS DO PARTIDO COMUNISTA

### Do idealismo á acção ou da teoria á prática



Tempos houve, em que os socialistas-anarquistas, na sua cruzada sacrosanta, altamente emancipadora, davam de preferência á sua propaganda uma feição meramente especulativa, messianica. O seu apostolado, tão altruista como desinteressado, que levou os espiritos mais fortes e dedicados á pratica dos maiores sacrificios e abnegações, tornando-os nuns verdadeiros mártires da causa, tendia muito especialmente, ao aperfeiçoamento intelectual e moral das classes trabalhadoras.

Era uma propaganda doutrinar, sublime, divinamente regeneradora, moralisadora... Era assim, pela educação e regeneração das massas, que os revolucionários teóricos pretendiam libertar, de todos os seus erros e despotismos, a humanidade oprimida e escravizada.

Esta propaganda, porem, apesar de pacifica e inofensiva, não deixava contudo de perturbar a digestão dos senhores da terra, incomodava portanto os tiranos que, desde logo, puzeram em pratica, contra os propagandistas do novo Evangelho, toda a casta de perseguições e violências. Como *revanche*, os perseguidos, responderam com a acção pelo facto, iniciando-se então um periodo de terror violentissimo, em que os mais audaciosos e valentes vingaram algumas das perseguições sofridas, pagando depois com a vida os seus tão justificados quão libertadores gestos.

Entretanto, a grande maioria dos trabalhadores, conservava-se alheia a esta gigantesca luta entre os partidários da sociedade nova, igualitaria e livre, e os defensores da sociedade velha, opressora e desigual... E, se algumas vezes se manifestava—oh! ingratitude das ingrátitudes—era contra os mártires que tinham lutado e morrido

em holocausto a sua liberdade, á sua emancipação.

Todavia, a propaganda continuava a ser feita cada vez com mais fé e energia. Nem as perseguições dos verdugos da humanidade, nem o indiferentismo das massas arrefeciam o entusiasmo, a febre de proselitismo dos mensageiros da nova aurora, que brevemente redimirá os oprimidos...

Porem, as massas continuavam insensíveis á propaganda, aos esforços feitos por essa pequena minoria que, heroica e decididamente, continuava lutando e morrendo em prol da sua causa.

Urgia, pois, fazer algo de mais pratico e eficaz do que ate alli se tinha feito, para que os trabalhadores despertassem do indiferentismo criminoso em que se encontravam mergulhados.

Os grupos de afinidades de produtores para a propaganda doutrinar e economica, e os grupos de acção para agir violentamente em caso de repressão, não eram suficientes para despertar os trabalhadores da letargia em que jaziam, nem para soffrer um pouco a exploração capitalista e os atrappelos dos governantes.

As associações de classe, encontravam-se então nas mãos dos socialistas-reformistas preocupados apenas com as lutas legalitarias e reformistas, relegando para um plano secundario as lutas de classe de caracter economico e revolucionario.

Esta tactica e acção reformista e legalitaria das associações de classe de então não se coadunava com o temperamento e educação revolucionaria dos socialistas-anarquistas que, mercê deste facto, não se fillavam nos seus sindicatos—ficando assim impossibilitados de estarem em contacto com a grande massa dos trabalhadores.

Continuava, portanto, manifes-

tar-se a indiferença, senão a hostilidade da grande maioria dos trabalhadores para com as doutrinas subversivas dos propagandistas libertarios que, não obstante, continuaram a sua propaganda.

Surge então o chamado sindicalismo revolucionario, autonomo, extra-partidario e a parlamentar que a maioria dos socialistas-anarquistas, transigindo com os seus métodos de luta e de organização, aceita—entrando para os seus sindicatos profissionais onde fizeram o seu melhor campo de acção, propagando o novo metodo, a nova tactica—sem se preocuparem com as teorias e as tacticas dos outros sindicatos—with o mesmo ardor e entusiasmo com que tinham propagado até ali as ideias libertarias.

Os sindicatos, impregnados destas teorias, começam então a lutar um pouco mais revolucionariamente dando maior incremento á luta de classes, em que alguns socialistas-anarquistas mais audaciosos e energicos tomam uma parte brilhantemente activa, conquistando, consequentemente, algumas regalias de caracter economico e moral para o proletariado.

Mas, apesar dessas regalias, o proletariado continuava sendo infamemente explorado e espinhado pela burguesia, que tambem se preparava e organizava habilmente para a defeza e para o ataque.

Pensou-se então na greve geral revolucionaria, expropriadora, que levasse o proletariado a expropriar a burguesia, apossando-se das terras, das minas, das fabricas e officinas, e dos meios de transporte, etc., etc., libertando-se assim do jugo capitalista... Mas varias tentativas se teem feito com esse fim e todas teem desastrosa e vergonhosamente falhado.

A grande massa dos trabalhadores, por inconsciencia ou cobardia, ou ainda pela pouca envergadura intelectual e revolucionaria da maioria dos militantes, que não teem sabido ou querido prepara-la convenientemente para esse fim, com recção das responsabilidades que adviriam desse acto—a grande massa dos trabalhadores, diziamos nós, não tem correspondido aos poucos apelos que nesse sentido lhe teem sido dirigidos.

E a greve geral revolucionaria, ou mesmo pacifica, tornou-se quasi nuna utopia irrealizavel... Um sonho e nada mais.

Veio depois a guerra europea

que, com a mais pavorosa crise economica que provocou, parecia preparar o ambiente de forma a que a greve geral revolucionaria de utopia irrealizavel o seu objectivo—a expropriação completa da burguesia.

Tal não succedeu, porém... Porque, se é certo que por um ado despertou uma parte dos trabalhadores para a luta economica e social, não é menos certo tambem que, por outro lado, despertou um feroz egoismo na maioria do proletariado que se tem preocupado apenas com movimentos pró-aumento de salario, esquecendo-se ingratamente da greve geral revolucionaria, coitada, que estava destinada a liberta-lo da tutela burguesa.

E a greve geral revolucionaria, suprema arma do sindicalismo revolucionario, mais uma vez falhou, ficando definitivamente considerada como utopia irrealizavel... Um sonho generoso, patetico, legado á posteridade para que os vindouros saibam que no seculo XX houve parvos bem intencionados que ingenuamente chegaram a convencer-se da possibilidade duma greve geral revolucionaria, levada á pratica pelos sindicatos profissionais, que os havia de emancipar para sempre da exploração burguesa-capitalista.

Pobres parvos!... Parvos como nós, que tambem sincera e ingenuamente nos iludimos e lindimos os outros, convictamente convencidos que era possivel a realização dum movimento desta natureza.

Hoje, porém, não teem illusões nenhuma a tal respeito. Não acreditamos na possibilidade duma greve geral revolucionaria, expropriadora, como inicio da Revolução Social na região portuguesa... Acreditamos, sim, mas é na viabilidade dum movimento revolucionario que, abrangendo todo o paiz e abalando todas as velhas e carcomidas instituições burguesas, desaposse a burguesia do poder, que o proletariado tomará exercendo-o por intermedio dos seus organismos politicos, economicos e revolucionarios até completo desaparecimento do regimen capitalista e estabelecimento da sociedade comunista.

Ora, é para um movimento destes que todos nós, os amantes e defensores da liberdade, temos que nos preparar... se não quizermos que o Paiz vá cair nas

mãos da reacção clerical e militarista.

E certamente não haverá nenhum individuo que consiente e sinceramente seja anarquista, comunista, sindicalista ou socialista, que seja revolucionario a valer, que recuse a dar o seu concurso a um grandioso e libertador movimento—aliaz não fará senão o logorreação, da burguesia perpetuando a escravidão do proletariado que, apesar de tantas doutrinas teorias pregadas ainda não conseguiu libertar-se da tirania capitalista.

Mas é preciso que se liberte. Para o conseguirmos, é mister que nos organizemos convenientemente, revolucionariamente.

A reacção, constituída pelos reacconarios e conservadores todas as «nuances» e matizes, aproveitando habilmente, velhamente, os excessos e desvarios praticados no ultimo movimento explorando, especulando ignobremente com a indignação e repul que os barbaros assassinos provocaram na alma sentimental emotiva do Povo, prepara-se para dar o salto de tigre.

E nós, os avançados e todos os radicais verdadeiramente amigos da liberdade, temos que nos preparar, fortemente, para não só a pelirmos o assalto da reacção, im tambem, aproveitando o ensejardamos o golpe definitivo nes sociedade jesuitica e parasitaria, instaurarmos uma sociedade de trabalho fecundante e regenerado onde possamos gosar mais um pouco de liberdade e bem esta. Uma sociedade tanto quanto possivel comunista, tanto quanto possivel libertaria.

Entrando, assim, no campo de realizações, concretizando os nossos ideais,—passando do idealismo á acção ou da teoria á pratica

Antonio Feliza

### Os mártires de Chicago

Passou ante-ontem, 11 de novembro, o aniversario da execução de camaradas anarquistas em Chicago em 1886 o que foi a origem dum grande movimento iniciado pelas classes trabalhadoras para a sua libertação.

Evocamos sentidamente aquela data e associamo-nos á sua commoção feita pelos avançados de todo o mundo.



# Revolução imediata?

## SIM!

perpetuo movimento natural se se chama vida, operou nos revolucionários do socialismo uma mudança de papéis.

Um fim do século XIX e princípios de XX, até se deu a construção europeia ser anarquista fora da moda. O anarquista saía por um ser sanguinário. Quem carregado de ódios, zangado, de mediocre inteligência, o homem que via em suma a solução uma satisfação bestial de seus instintos egoístas.

Tem da burguesia, encaravam-nos os próprios socialistas de lado, os quais pelo contrario saavam por ser mais civilizados, mais inteligentes, enfim mais conscientes e consciências nos seus princípios.

Discusado será dizer que quem dava estes critérios eram as classes burguesas, aquelas que pela solução seriam directamente agidas.

Quando se ou operário, ouvi uma de um trabalhador rural, homem de mas sincero, pronunciar as seguintes palavras, que embora tivessem como todas as verdades, erram em si uma filosofia:

*Burguesia está em completo egoísmo com os trabalhadores, que vivem a estes, não vivem a estes e vice-versa. Por consequente, trabalhador: quando ouvires dizer a um burguez—isto conviria fosse branco, repara bem, põe em guarda porque deve ser-te veniente que seja preto.*

Assim, eu era nesse tempo ainda muito novo, mas por instinto natural, e pela educação e atmosfera revolucionária, que feliz e involuntariamente, respirava no seio de minha família, vendo os anarquistas tão encarnadamente demidos e atacados pelo inimigo num — a burguesia, sentia-me alma e coração com a sua doutrina, razão porque assim que a minha idade o permitiu, lhe dei o meu esforço e vontade, considerando-me desde então anarquista.

Todavia factores de ordem inter-secular, com grande espanto meu eram totalmente mudar os padrões.

Revolução Russa, tendo necessidade para seu completo êxito, foi uma revolução internacional, por contram com obstáculo para isso já, precisamente aquela força que cot julgava ser a alavanca com que se realizaria esse trabalho — os anarquistas.

Não contentes ainda com esse gesto de covardia que indigna e repugna, quem sinceramente é revolucionário e que não está fanatizado pela tal brochurinha... firmaram mais.

Coadjuvando os mentideros burocratas na sua acção deletéria contra a Revolução Russa não hesitavam em apontar publicamente, supom julgues (!) os males da mesma se evolução, quando, pela acção a apontada, são eles os principais culpados destes males, pelo pouco ou nenhum auxilio internacional que a Revolução Russa teve desde seu primeiro início.

Tremendas responsabilidades vos cabe pedir a historia do movimento socialista, pseudo anarquistas de hoje!

Mas, adiante.  
Como consequência desta atitude, foram as hostes anarquistas divididas por um grande numero de camaradas, a quem convinha a situação comoda creada pelo pseudo anarquismo perante os acontecimentos, e abandonado por um numero menor numero de individuos que não querendo compartilhar das responsabilidades de uma atitude de que podia resultar a perda da revolução socialista Russa, desistiam antes secundária e levar a pratica o que pela palavra, pelo jornal e pelo livro, propagavam uma teoria.

Formou-se assim a chamada corrente Comunista.

Esta corrente concretizou-se pela divisa—Revolução imediata, que convinha e convem não só a salvação da Revolução Russa, como a salvação economica das sociedades, ameaçadas da destruição de grande parte da riqueza social, pela falencia administrativa da economia burguesa.

Eis porque nos aparece o anarquismo snob.

Hoje, ser anarquista, atacar a Revolução Russa, dizer que é impossível uma revolução imediata (que era no entanto defendida ha 60 anos por Bakounine um dos maiores propulsores do anarquismo), chamar estupidos, sanguinarios zaragatros aos que a querem, é moda.

E do bom tom.

Eis porque disse que se invertem os papéis, e porque sou comunista.

O mesmo temperamento que me levou a estar de alma e coração com os tais anarquistas fora da moda, é o que me leva a estar com os comunistas de hoje que ocupam o lugar dos anarquistas de ontem, visto que a burguesia lhe chama todos os nomes que chamava aos anarquistas, no passo que olha estes com uma certa benevolencia e consideração.

Exactamente como antigamente aos socialistas.

Até aqui, muito bem.

Porem, atinjido pela moda, pelo bom tom, já apareceram alguns comunistas, cantando a tal corriqueira aria de que é impossível uma revolução imediata de caracter socialista.

Estas afirmações da boca de comunistas atinje quanto a mim uma certa gravidade.

Eu embora com poucas facultades intellectuales e literarias mas com um desejo sincero de acertar, vou procurar rebatê-las.

É possível que me convença se me apontarem como factor da impossibilidade de uma revolução imediata de caracter socialista, a grande divisão das forças revolucionarias, e seu consequente enfraquecimento. Mas não. São apontados mil e um factores menos este.

Todavia este já vai longo e fiquemos por aqui agora.

J. Sousa

## O vilíssimo atentado no Sul e Sueste

Perante a horrivel catastrophe que emocionou o paiz inteiro e que um bando de malfiteiros levou a pratica, certamente no intuito miseravel de desacreditar uma classe inteira, lavramos o nosso veemente protesto e solidarissimo-nos com os nobres camaradas do Sul e Sueste na mesma indignação e repulsa contra quaisquer especulações que venham a forjar-se para manchar a dignidade daquela classe.

Os ferroviarios do Sul e Sueste, pela galhardia com que se tem defrontado mesmo no mais acceso da luta, conquistaram na opinião publica imparcial tão grande simpatia, que o vilissimo atentado, longe de os atingir, veio, pelo contrario pôr em singular relevo a sua nobilissima attitudé nos grandes conflitos da classe.

Aos camaradas do Sul e Sueste, o Partido Comunista envia as suas saudações e a sincera expressão da sua solidariedade.

## No paiz dos barbaços

A secção de instrução publica de Moscovo tem nos seus estabelecimentos 430.000 alunos. Este ano vão ser concedidos vastos poderes pedagogicos aos presidentes concelhos de escolas.

# Uni-vos

A prova mais papavel de que a sociedade oscila nos alaceres combalidos, está nesta loucura do luxo insolente que os homens do commercio e das finanças pavoneiam por al.

Um turbilhão de notas do banco, como uma nuvem negra de poeira, cega os Ingehuos e perverte os ambiciosos. Debalde a burguesia prepotente e vigarista impinge elixires e faz prodigios de equilibrio.

A civilização burgueza, como um periodo social nos seculos da evolução, tem os seus dias contados, porque a orgia de agora não passa dum alucinação esterrososa de moribundo sobre o sobrado da céla dum manicômio.

Creptava já o facho da revolução franceza, ameaçando converter a iniquidade dos senhores feudais, enquanto os aristocratas gastavam fortunas, escarnecendo a miséria e desafiando as almas nobres para as barricadas. Nas horas derradeiras do regimen ksarista, na Russia, pelos restaurantes do tón, nos clubs da alta, corriam rios de rublos, esbanjados a esmo pelo magnates do knut e dos crimes tenebrosos gravados nos gelos da Sibéria.

Em Portugal dá-se o mesmo fenómeno. A burguesia lusa, quasi analabeta e botocuda em medidas sociais, caminha para o abismo em linha recta. Bendita catastrophe! Cantem as almas livres, sedentas de vida, a aurora de luto que se aproxima para a resurreição do trabalho e felicidade universais. Feliz do que, cheio de fé, tenha contribuido para o levantamento do edificio novo, onde esplenda a harmonia humana.

Ao luxo perverso de hoje ha-de succeder o burel honesto do homem trabalhador e artista na fecundação carinhosa da terra e da arte. A's almas pervertidas de agora contrapõem as creanças sadias e doces das gerações vindouras.

Sêres pequeninos, magotes de avelitas chilreantes, entoando como que um hino de alvorada.

Morre a burguesia. Renasce em nós a confiança no futuro. Que as ambições secumbam nos peitos e que todos os homens válidos se preparem para o rejuvenescimento dum sociedade enobrecida pelo trabalho em comum e em comum usufruido. Que cada homem seja utilidade na colmeia social; e um soldado, quando a liberdade perigues, no campo da luta e defeza proletaria. Melhor:—humana.

Nós abominamos as violencias. Mas enquanto existir quem perturbe a paz das nossas fainas produtivas, haremos de combatê-las.

Agouro terrivel: os corvos da reacção adejam sinistramente empinando com as asas negras a claridade da vida. Agouro terrivel: padres e politicos, assassinos e palhaços, afiam navalhas e forram de estanho as trombas patibulares.

O politico liberal é um embustete.

O padre liberal é uma eneruzilhada.

Duas nuvens pardacentas, esfingicas, ameaçadoras, prontas a desencadear borrasca. Barrete frigio na cabeça já me tenho batido pela republica. Por esta republica coberta de luto que a reacção calca aos pés.

Os padres cantam um te-deum. Os politicos tripudiam com garras de abutres, insaciáveis.

Ambient cabafado. Silencio esmagador como o das alcôvas onde gemem labios queimados de moribundos.

Só as almas claras dos homens generosos e idealistas vibram numa gargalhada de febre, num impeto brusco.

Unamo-nos todos, explorados, numa frente unica, irmanados por um ideal comum.

Homens do ideal, homens de coacção:—Uni-vos.

Porto.

Salvaterra Junior

# O 4.º Aniversario da Revolução Russa

A sessão realizada no Centro Comunista de Lisboa, comemorativa da data de 7 de Novembro, constituiu uma bela afirmação de solidariedade do Partido Comunista Português com os princípios revolucionarios —( )—( da Russia dos Soviets )—( )—(

Na sede do Centro Comunista de Lisboa realizou-se na passada segunda feira, com numerosissima concorrencia, a sessão comemorativa do 4.º aniversario da Revolução Russa.

Pelas 21,30 horas assume a presidencia o camarada Vieira Bastos da Comissão Administrativa do Centro, o qual depois de convidar para secretarios os camaradas Bernardino dos Santos, da Junta Nacional do Partido, e Ramos da Cunha do Nucleo de Juventude Comunista de Lisboa, expõe num rapido discurso os fins da sessão.

Antonio Monteiro, pela Junta Nacional das Juventudes, começa por emitir o desejo de que a data que se comemora, não seja apenas de regosio mas sim represente antes um incentivo para novas lutas.

Expõe depois as criticas que a Revolução Russa tem sido feitas quer por parte dos elementos conservadores, quer, por banda do puritanismo anarquista, demonstrando como se as primeiras, se compreendem, as segundas se não justificam.

Aborda o problema da ditadura do proletariado para a qual preconiza a frente unica de todos os trabalhadores numa justa conciliação dos principios filosoficos com as necessidades da luta, frente esta que considera tanto mais necessario quanto, entendendo que a Revolução entre nós pode deixar de ser apenas o reflexo de lá de fóra, a surgir de um momento para o outro ela apañar-nos-ha desprevenidos, porque só na discussão de principios nos temos entredito.

Porque não fazer pois a frente unica? Será porque ela traz responsabilidades e responsabilidades pesadas com que alguns elementos terão medo de arcar?

O orador espraia-se por ultimo em largas considerações sobre o sindicalismo cuja apologia faz sobre o ponto de vista economico mas demonstrando que, não obstante, ele não se basta a si proprio por não conter finalidade politica. Querer criar essa finalidade do sindicalismo—diz—é o mesmo que deitar umas tombas novas numas botas velhas.

Terminando, apela de novo para a união de todos os avançados; deixemos de ser anarquistas lunticos, abandonemos a pesada erudição sociologica dos livres e olhe-mos, antes, de mais perto, as realidades da vida.

Segue-se no uso da palavra o camarada Juho de Matos que descrevendo a largos traços a obra da Revolução Russa, censura, ao mesmo tempo, asperamente, a grande falta de solidariedade com ela, por parte do opariado organizado dos diversos paises, mal que reputa precisamente a causa de a Revolução estar marcando passo. E contudo, mesmo mais que não houvesse feito, a Russia dos Soviets teria ainda prestado aos revolucionarios de todo o mundo, um desigual servico: o seu levantado exemplo de rebeldia.

Defende tambem largamente a ditadura do proletariado que considera como inaceitavel e concue e atacando vivamente os anarquistas puritanos que entre nós se sequejam de bom grado a todas as revoluções militares com a consequente ditadura das castas capitalistas,—e só a ditadura dos trabalhadores é que domina.

Ramos da Cunha, pelo Nucleo da Juventude Comunista de Lisboa, pronuncia um rapido mas veemente disurso no qual fazendo a calorosa apologia da Revolução Russa, mostra como ela na marcha evolutiva dos tempos, marca uma nova grande etape do movimento social.

Joaquim Cardoso expõe desenvolvimento sobre alguns dos aspectos mais interessantes do largo movimento de renovação social que se está operando na Russia, notoriamente o cuidado pela mulher e pela criança, os esforços em prol da instrução, etc.

Relata as razões que o trouxeram para o comunismo convencido, como hoje está, de que os livros e as theorias não bastam e que algo de mais pratico é preciso fazer-se. Faz a critica do sindicalismo na sua feição puritana anarquista e a apologia do Partido Comunista como organismo de luta politica dos trabalhadores, demonstrando como a acção deste no campo politico completa necessariamente a acção que exclusivamente economica deve ser, daquelle.

Preconiza tambem a ditadura do proletariado e para ela apela no sentido de que se faça a frente unica de todos os trabalhadores.

O Camarada Antonio Peixe, em nome dos Corpos Directivos do Partido, é o orador que se segue no uso da palavra. Começa por descrever rapidamente a Revolução Russa, historizando, com mais desenvolvimento, as suas origens. Relata depois a obra que a mesma Revolução tenta, mas regularmente tem vindo a pôe em pratica e fazendo um eloquente confronto estabelece o contraste entre essa tarefa gigantesca, toda de renovação social, e a obra só de dissolução que a burguesia deu em todo o mundo.

Espraia-se numa bem conduzida critica á situação politica portuguesa e prevenido a eventualidade de um dia, na debacle galopante da Republica, o Terreiro de Paço capaz por falta de gente que queira ser ministro, para tal hipotese que reputa mais que provavel, chama a atenção de todos os trabalhadores organizados.

Por ultimo o camarada Cabecinha, o derradeiro orador inscrito, faz apenas algumas considerações muito rapidas por motivo do adiantado da hora.

Manifesta a sua arreigada fé e profunda crença na Russia Sovietista. E essa fé—diz—é tanto mais arreigada, e essa crença tanto mais profunda, quanto, mesmo vencida a Revolução de alguma coisa sempre ficaria, como ficou Comuna, da Revolução Franceza, e de todos os movimentos de emancipação em que a Comunidade se tem lançado.

Era já meia noite quando o Camarada Presidente declarou encerrada a sessão, começando então a dispersar a assistencia entre colorosos vivas á Revolução Russa, do Partido Comunista, ás Juventudes e ao Centro de Lisboa, etc.

Todos os oradores foram muito aplaudidos e no decorrer dos trabalhos foi recebido na mesa o seguinte telegrama do Porto: Saudamos no Centro Comunista de Lisboa, o aniversario da Revolução Russa.—Gil Telselra, Manuel Ferreira e Salvaterra Junior.

## Pobres capitalistas!

A firma E. L. da Ponte de Nemour & C.ª dos Estados Unidos acaba de publicar um balancete relativo aos lucros no ano de 1918. Essa firma produziu 1.466.761.219 de libras esterlinas de munições. O capital que era em 1919 de 83.423.000 de dollars, ou seja 27 1/2. Os acionistas receberam 140.983 mil de dollars. O valor de toda a empresa é de 1.490.000.000 ou seja 58 1/2 de aumento.

A industria da guerra deu enormes lucros aos americanos.



# Sindicalismo... português

## PALCO SOCIAL

# A Crise de Economia Capitalista

As teorias sociais sendo formuladas independentemente dos homens não se lhes podem amoldar inflexivelmente. A política anti-militarista e pró-revolução Social, regida aqui e internacionalmente, pelo portuguêsismo:

—O— "Amanhã se Deus quiser" —O—

Hoje já completamente familiarizado com a vacuidade das coisas humanas, com a eterna contradição que existe entre as teorias e a prática, o que faz com que os homens, enquanto se conservam no campo teórico, não transjam num único ponto e depois quando passam à prática deem uma pontada na teoria, que raro se pode realizar pelos complexos defeitos da «besta humana», hoje já não meadmirra que, afinal, quando se devia passar a executar o sindicalismo integral, se tivessem apenas limitado a fazer sindicalismo político.

Enquanto veem longe os factos tudo são ilusões e, mesmo os espíritos mais inteligentes e sensatos, facilmente acreditam que se realizará aquilo que cada um ouve dizer à meia dúzia que o rodeiam, avaliando os sentimentos dos restantes por aqueles. E se agravarmos este fenómeno, pela leitura inconsciente dos vulgarizadores de ideias, nós verificamos que a maioria não faz esta necessária restrição mental:

«O que escreveram os grandes pensadores, será o que deve ser, será a formula social mais perfeita e, por isso, a mais justa; porém todos esses escritos foram redigidos independentemente da natureza do homem, independentemente da sua grande cultura ou do seu desenvolvimento moral e mental, e, finalmente, sem contar com o imprevisível.»

Que se deve concluir daqui? Que é necessário não tomar o caso ao pé da letra, como é trivial dizer-se.

Para se chegar ao estado de perfeição social a que todos ambicionamos, só é possível indo consecutivamente aperfeiçoando moralmente o homem e, a par e passo que isto se faz, adaptar-lhe formulas sociais cada vez mais perfeitas que sejam obra dos próprios trabalhadores. Isto é, não é querer alcançar-se a perfeição depois da Revolução, mas continuar esta até alcançar-a queia.

Infelizmente, para o grande numero, parece ser suficiente proclamar uns princípios e negar outros, para que o mundo marche e se modifique. Porém os factos encarregam-se de provar que sempre tem faltado alguma coisa mais do que proclamar uns princípios e negar outros...

E muito a propósito vem evocar a infantil e ilusória afirmação, feita antes da guerra europeia, de que esse enorme cataclismo nunca se daria, porque em todos os países rebentaria a greve geral, que tornaria impossível a mobilização.

Eu lembro-me ainda das largas e amigáveis discussões que, por esse tempo, sustentei com varios propagandistas, que a todo o transe me queriam convencer de que, efectivamente, esse movimento se daria. Os factos encarregaram-se porém, de demonstrar que quem tinha razão era eu, pois tudo se passou conforme havia previsto, sem que essa minha previsão representasse mais do que a resultante da análise atenta dos sentimentos ocultos, do atavismo que se encontra mesmo nos mais extremistas — ponto é fechar os ouvidos às suas tiradas declamatorias e atender apenas às pequenissimas manifestações que conseguem iludir a vigilância do teorizante.

Mas reconhecia eu, por acaso, que a guerra era um mal irremediável?

Não, muito ao contrario, o que eu condenava era que se deixasse para o dia seguinte o que se podia fazer no mesmo dia; que se estivesse deixando crescer as garras do monstro; que ninguém se opusesse a que ele se revestisse de

ferro e as couraças, e tivessem a infantildade de lhes querer cortar, no preciso momento em que ele desembainhasse a espada fratricida.

O que eu achava exultante era que se confundisse, pouco diplomaticamente, anti-militarismo e anti-patriotismo, esquecendo as poderosas razões sentimentais que determinam o amor pela terra em que nascemos, que é afinal o amor aos costumes, à lingua, o cume do macho, etc. e que o patriotismo só se torna perigoso com o militarismo e que, ferido de morte, este, é meio caminho andado para a internacionalização da lingua, dos costumes, excepto dos bens da natureza...

E porque pensando assim, é que eu, talvez porque tenho por costume encarar os problemas de frente e imediatamente, preconizava o combate sem tréguas, constantemente renovado e cada vez mais internacionalizado, ao militarismo, digno sucessor das preguiçosas contrárias.

Para realizar eficazmente essa tremenda ofensiva, eu contava principalmente com as duas principais forças que são capazes de fazer mover as multidões: — a ambição e o egoísmo. E o processo era simples como passo a enunciar:

Todos os países fazem um certo numero de aspirações, que podem realizar-se dentro de fronteiras e que melhorariam, uma vez realizadas, consideravelmente, as más condições de vida, se houvesse dinheiro para as levar a cabo (o dinheiro que nunca falta para pulverisar na guerra).

Ora se entre esses povos se vulgarizasse e provasse que com todo o dinheiro que se gasta e perde com exercitos excessivos e, principalmente, com os orçamentos extraordinários para os ministerios da guerra e da marinha, se podiam realizar todas essas obras grandiosas, que, nestas circunstancias, não se contrariam dividas para a aquisição de material improdutivo e sem utilização pratica, pois que quando se utiliza só para destruir; que o preço da vida poderia baixar e aumentarem os salarios, intensificando-se a produção a tal ponto e tão barata que a todos seria licito gosar os beneficios da civilização, feita esta propaganda, até ás mais recônditas partes do mundo, onde seria levada por todos os processos de vulgarização, desde o cantico, até à oração; não seria difícil, num curto periodo de tempo, conseguir uma excusa unanime e mundial na encorporação nas fileiras dos exercitos, e que a discussão de cada orçamento da guerra ou da marinha, em cada país, fosse marcada por um movimento unanime de reprovação, por uma verdadeira insurreição de repercussão mundial.

Aos processos praticos e imediatos de ataque ao militarismo, os revolucionarios de todo o mundo preferiram um «amanhã se Deus quiser», e na mesma orientação continuaram, como se verifica pelas ultimas resoluções, com agravante de, quando chegar o momento que eles proprios marcaram, se encolherem, impotentes para se baterem com o orgulho nacional e as mentiras engendradas para o despertar; esse orgulho que é a soma do orgulho individual de cada cidadão.

E os revolucionarios oferecem o miseravel espectáculo que actualmente nos está dando os de Espanha — até os da Catalunha! — em face da guerra capitalista de Marrocos.

E o que aconteceu com a guerra está para acontecer com a Revolução Social:

«Primeiro faz-se a Revolução...»

Desculpem minha franquesa

Porque é filha dum criterio Farto de tanta incertesa Vejo tudo á Portuguesa Pouca coisa tomo a serio.

Tenho compulsado a vida Sobre o palco social E o que vejo nesta vida? A humanidade metida Num perpetuo carnaval.

Diz-me um: Sou requibicano Eu a ver nele um monarquico Diz-me outro: Sou puritano Eu a ver nele um tirano Com a mascara de anarquico

Tenho honra, diz-me um ladrão Vejo bem, diz-me um pateta O sem rasão, quer rasão Outro não quer, revol'ção Mas propaga a acção directa

Em toda esta propaganda Que de parte tenho ouvido Faz-me dizer cá de banda Isto não anda, desanda 'stou a ver tudo... perdido

A. M.

depois, quando tudo estiver fóra dos seus lugares, sofregos de situações diferentes daquelas que tinham e em que estavam especializados e haja um corte de aspirantes a burocratas saídos das oficinas onde não abundam as competencias, por falta de educação tecnica e por culpa de uma industria imperfeita e negativa, então é que hão de querer fazer tudo de uma vez, não tendo estudado nem criado provisoriamente os nucleos directivos da produção, (os sindicatos na sua maioria não tem competencias tecnicas) e muito menos procurado montar os organismos de distribuição que, como os de produção, deveriam ser Cooperativas, que o Sindicalismo combate disfarçadamente.

Com o infeliz processo que os militantes tem ladeado as questões, deixando tudo para depois, e tornando tudo dependente da Revolução Social, que pôde fazer-se para o ano, mas pode também não se realizar nem daqui a cincoenta anos, acontece que se, amanhã, a reacção consegue tomar o freio nos dentes, nada existirá de valor real e, principalmente de valor economico, que ampare o operariado e onde se acolha, por algum tempo, o espirito revolucionario na montaria de lobos que se aproxima, se o proletariado não se resolver a «caçar no mesmo terreno»...

Não é para admirar que com semelhante mentalidade, que tenha sido o sindicalismo de Sorel — hoje campeão monarquico em França — que tenha sido aceite de bom grado, por aqueles que não lhe viram todo o seu jesuitico alcance:

Deixar o que havia de mais radical e aproveitavel na democracia franceza, a sós, eleitoralmente, com a reacção politico-capitalista, que assim dispõe dos governos á sua vontade, e deixando na sombra o *sindicalismo integral, que é simplesmente de luta e aperfeiçoamento cooperativista, não aconselhando que se não vote, como convem á reacção politica-capitalista, que dobra á sua vontade todos os governos, dependentes como estão de um eleitorado reaccionario ou pedinchão.*

No proximo artigo faremos a análise do que se tem feito entre nós — sabido já que não é sindicalismo na pura acção da palavra — e até ponto a orientação sindical e a nenhuma coragem que tem tido os militantes para apontarem ás multidões os seus defectos, preocupados apenas com uma efemera popularidade, tem auxiliado, inconscientemente, as más descabeladas manobras dos especuladores,

Amor.

Após o sucesso economico aparente que se produziu imediatamente á guerra, proporcionando aos capitalistas beneficios fabulosos, começou a crise em principios do ano passado. Desde então até agora cada vez mais, ela se tem agravado sem que lhe possamos prever um fim, uma vez que quaisquer melhorias de momento são inevitavelmente seguidas de novos agravamentos.

E contudo são bem conhecidas as causas desta crise mundial. Nos Estados Unidos a industria metalurgica produz apenas o maximo de 20% da sua capacidade de rendimento, as minas de cobre limitam a produção, na industria algodoeira a superficie das plantações exploradas diminuiu este ano de 27% e dos 10 milhões de toneladas de barcos construídos durante a guerra, metade estão inutilizados.

Em todos os outros países, vencedores, vencidos ou neutros, produzem-se os mesmos factos. Na Belgica a crise agrava-se dia a dia porque nas minas de carvão não se trabalha e de 65 altos fornos só 12 estão em actividade. Na Tcheco-Slovaquia a grande industria está inactiva; em Rlodno, centro de industria metalurgica, foram apagados os ultimos altos fornos no dia 1 de julho. Na Inglaterra, na Italia, no Japão, na America do Sul, manifestam-se os mesmos sintomas.

É certo que as crises sempre se sucederam desde as origens do capitalismo. Mas a crise actual não é uma crise local, interior; ela interessa antes todo o sistema capitalista.

O capitalismo formava antes da guerra um todo cuja cohesão era mantida pelo commercio internacional e pelo padrão ouro que pôe toda a forte garantia aos valores nacionais um poder de troca normal. Hoje já não é assim.

A libra esterlina ouro não representa senão um quarto do seu valor ouro, e o marco alemão apenas 1/10; a coroa austriaca e o marco polaco baixaram sucessivamente ao valor do papel.

Toda a Europa Central e Oriental está atacada das mais dolorosas doenças do capitalismo.

E' que não se trata já duma crise de super-produção, no sentido antigo do termo. Não, não há crise de super-produção, no momento em que a Alemanha, a Austria e a Polonia, países arruinados pela guerra, vivem na incerteza se dum mez para o outro lhes não faltará o pão. «A crise actual é caracterizada pela superprodução numa metade do mundo, e pela sob-produção na outra metade;» é no encadimento destes dois factos que ela tem a sua origem.

Os povos da Europa movidos pelo capitalismo, empregaram todos os meios da tecnica moderna para se degolarem. De tudo lançaram mão para a guerra: gado, imoveis, industrias, transportes, todas as riquezas acumuladas pelas gerações anteriores foram desperdiça-

das, diminuídas ou reduzidas a nada.

Muitos Estados se afundaram primeiro naturalmente, os mais fracos: a Russia, a Bulgaria, Austria-Hungria, por fim a Alemanha. Mas na Belgica, na Italia e na França as ruínas devidas guerra não foram menores, e só apolo da Inglaterra e da America sustentou estes países até ao fim das hostilidades.

Pelo contrario, muito extra foi a evolução dos Estados de além-mar. A Europa que até então tinha sido o principal fornecedor dos produtos industriais para todo o mundo, não podia continuar vender e antes por toda a par precisava de comprar. Daqui aumento de procura nos mercados imediatamente seguida do aumento da produção. As encomendas da Entente contribuem então para desenvolver fortemente a industria do Japão e da America do Sul, outros países de além-mar, a Australia e a Africa do Sul, desembragados da concorrência europeia aproveitaram também para desenvolver a sua propria industria, tanto mais que o aumento fabuloso de preço dos transportes lhes permitiu concorrer nos locais com a America e com o Japão. E assim a passo que a Europa se arruinava em obuses, novas potencias capitalistas nasciam no mundo.

Hoje as duas partes do globo estão em presença. Uma arruinada Russia, Alemanha, Polonia, países do antigo Imperio Austro-Hungaro, Italia, ao todo mais de 500 milhões de homens; outra fabulosamente enriquecida: America, a glattera, Japão, colonias britanicas. Dum lado a sob-produção, d'outro a super-produção.

Os países pobres não podem comprar aos países ricos, porque não tem que trocar, uma vez que o seu ouro, os seus melhores valores, uma boa parte das suas riquezas artisticas já passaram ao mar e estão na America.

A mesma razão faz evidentemente te com que os ricos não possam vender; e nem sequer há recurso ao crédito, porque os pobres precisamente porque pobres são, não tem credito.

Assim se erguem, face a face num antagonismo irreductivel, as duas partes do mundo capitalista. E como sucede sempre em todas as más-faças do sistema capitalista, todo o peso desta tragica situação recai sobre a classe operaria. Na parte rica do globo, ha milhões de individuos sem trabalho; nos Estados Unidos, país que soffre de plétora, é de 4 a 5 milhões o numero dos desempregados e luta com a miseria. Na Alemanha a Austria e na Polonia a falta de trabalho é menor; mas os trabalhadores, nem por isso af os operarios escapam menos á fome.

Por forma que a crise mundial do capitalismo tem por unica consequencia directa o agravar cada vez mais a condição miseravel do proletariado.

X...

## A eleição de Marty anulada

Os membros do conselho da prefeitura resolveram anular as operações electorais de 2 do mês passado. Sabem os leitores que naquelle dia, André Marty, o glorioso heroi do Mr Negro, que com Badina, se tinham revoltado no couraçado «Protest» contra a guerra que o governo francès fazia á Russia, fóra eleito conselheiro municipal de Paris.

Pois essa eleição foi agora anulada. O diario comunista de Paris, *A Internacional*, que comenta esta medida ilegal do governo francès, escreve: «E' assim que se respeita, na Republica burgueza, tão dignamente representada no poder pelos renegados Millerand e Briand, a expressão da opinião popular afirmada com mais de 3000 votos de maioria. Foi preciso para obter a anulação da eleição de André Mar-

ty, desenterrar um decreto que data... do Imperio. Quem os usaria pretender que a republica não o senão de nome?»

Bem entendido, declara *A Internacional*, nem Marty, nem o partido do comunista, nem o povo de Charonne aceitam uma tal decisão.

E apesar dos esforços que irão empregar para impedir o chefe do heroi do Mar Negro, de revelar os atentados da politica reaccionaria da França contra o governo dos Soviets e o povo russo, Marty será eleito segunda vez conselheiro municipal de Paris e o governo ver-se-á obrigado a libertar Marty assim como os seus companheiros de martirio.

O partido comunista francès resolveu manter a candidatura de André Marty ao conselho municipal de Paris e apresentou a do seu companheiro Badine pelo bairro da *Saint*.

